

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: ATUALIZAR METODOLOGIA E FINALIDADE PARA SER NÃO SER REPROVADA¹

Francisco Klebio e Costa²
Diógenes José Gusmão Coutinho³

RESUMO: Avaliar aprendizagens sempre foi uma das muitas atribuições da escola, uma vez que o conhecimento construído por crianças carece da mediação docente visando validar o que se obteve no percurso. Este artigo levanta a discussão da seguinte questão: O que deve ser avaliado ao final de um percurso letivo? Para dar cabo às essas questões foi fundamental transitar entre várias conceituações e tipos de avaliações, valendo-se de uma metodologia de pesquisa bibliográfica, na consulta de artigos, teses e dissertações, e também via empírica. A pesquisa nos conduziu aos seguintes teóricos, a saber: PERRENOUD (1999), BARLOW (2006), HOFFMANN (2001,2011), LUCKESI (2018), LIBÂNEO (1994). As leituras foram imprescindíveis não somente na realização do trabalho, mas também de uma compreensão ampliada do tema. Ficou claro que avaliar aprendizagens e desenvolvimento de crianças e adolescentes, assimilação de conteúdos, progressos nas relações interpessoais, oralidade, leitura e escrita ainda é um desafio da escola brasileira; falta situar a avaliação num patamar de relevância e não apenas de método. Concluiu-se que há uma resistência a alargar horizontes sobre o que importa ser avaliado. Avaliar-(se) para colaborar com outras disciplinas na alavancagem dos processos que são gerados em uma escola, e não para ser óbice ao desenvolvimento de pessoas e estruturas.

2896

Palavras-chave: Avaliação. Escola. Aprendizagens.

ABSTRACT: Evaluating learning has always been one of the school's many responsibilities, since the knowledge constructed by children requires teacher mediation to validate what was obtained along the way. This article raises the discussion of the following question: What should be assessed at the end of an academic career? To address these questions, it was essential to move between various conceptualizations and types of evaluations, using a bibliographical research methodology, consulting articles, theses and dissertations, and also through empirical means. The research led us to the following theorists, namely: PERRENOUD (1999), BARLOW (2006), HOFFMANN (2001,2011), LUCKESI (2018), LIBÂNEO (1994). The readings were essential not only for carrying out the work, but also for a broader understanding of the topic. It was clear that evaluating learning and development of children and adolescents, assimilation of content, progress in interpersonal relationships, speaking, reading and writing is still a challenge for Brazilian schools; It is necessary to place the evaluation on a level of relevance and not just of method. It was concluded that there is a resistance to broadening horizons on what is important to be evaluated. Evaluate yourself to collaborate with other disciplines in leveraging the processes that are generated in a school, and not to be an obstacle to the development of people and structures.

Keywords: Assessment. School. Learning.

²Graduado em Pedagogia pela UVA, docente da rede pública de ensino de Fortaleza.

³Doutor em Biologia pela UFPE, licenciado em Ciências Biológicas pela UFRPE. <https://orcid.org/0000-0002-9230-3409>.

I INTRODUÇÃO

Avaliar processos de desenvolvimento de pessoas é uma questão que acompanha o cotidiano de uma instituição, obrigando-a sempre revisar seus vários procedimentos, tais como organização interna, gestão de pessoal, convênios e atuação no mercado. É que não há como administrar uma instituição de modo que atenda aos seus fins sem que o mecanismo da avaliação não seja posto em prática. Avaliar os procedimentos e as metas é como oxigênio vital para que um empreendimento não padeça à falta de atualizações legais ou tecnológicas, de mudança de rota, de inovação, de uma formação nos que tocam essa instituição, seja ela de qualquer natureza. Com a instituição escola não é diferente, embora os desafios ligados à avaliação sejam bem peculiares, com uma metodologia específica, que é de caráter pedagógico, que avalia crianças e adolescentes em formação, mas que também cuida da formação continuada de docentes. E o que vem a ser essa avaliação escolar da aprendizagem? A quem e o que avalia? Como?

O artigo que se segue reflete e dialoga com a avaliação da aprendizagem escolar, objeto constante de estudos que visam dar maior significado à sua evolução, importância, aplicação, limites e possibilidades dentro do espaço escolar e suas implicações sociais. Há inúmeros estudiosos do tema, dentre os quais, durante pesquisa bibliográfica, alguns foram pesquisados e selecionados para fundamentar este trabalho, a saber: HOFFMANN (2001, 2011), LUCKESI (2014, 2018), LIBÂNEO (1994), PERRENOUD (1999). A pesquisa bibliográfica é um penhor deste trabalho, pois “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. O artigo apresentará algumas diferenciações que ocorrem no bojo do processo avaliativo, tais como a distinção entre o gestor e avaliador, bem como algumas das suas competências, além de discutir a avaliação como parceira de um processo bem amplo, a função da mesma, tudo isso à luz dos teóricos que foram pesquisados, numa tentativa de estabelecer um diálogo que possa ser útil na compreensão de como é e de como acredita-se deveria ser a mesma, nas suas mais diversas facetas. Alunos e professores, especialistas no tema, gestores são os atores que estão no centro da discussão, buscando um equilíbrio entre o que se faz e o que se acredita deveria ser feito para que a avaliação da aprendizagem atinja seus objetivos e contemple favoravelmente ao seu público mais imediato que são os estudantes, apontando caminhos seguros e viáveis e ao alcance dos alunos, para que as suas aprendizagens e o seu desenvolvimento humano ocorra de modo satisfatório, o que confirmaria que o processo avaliativo trilhou o caminho apropriado.

De acordo com LIBÂNEO,

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação de rendimento escolar (LIBÂNEO, 1994, p. 195).

A tarefa de avaliar deve sempre deixar espaço de ampliação, revisão, acréscimos e de consideração de elementos que a mesma não dá conta. Assim sendo, a mesma não seria definitiva e nem soaria como sentença irreversível, sobretudo quando seus resultados utilizam mecanismos de checagem obsoletos e que foram úteis em determinada época para avaliar determinado assunto, mas que em muitas situações pode ser considerada viciada e limitada. logo, excludente de aspectos que podem até ser importantes e que possam dar nova feição à mesma pesquisa.

Este trabalho está dividido em Introdução, na qual objetivos, justificativa e metodologia são descritos. O Desenvolvimento será ocasião de uma discussão sobre o tema avaliação propriamente dito, suas classificações e impactos gerados pela mesma. A Conclusão mostrará que a avaliação da aprendizagem está em processo e que novas interpretações e práticas, além do seu alcance estão em franca discussão e em busca de aperfeiçoamento. Ao final as referências bibliográficas são elencadas.

2 DESENVOLVIMENTO

A tarefa de avaliar está presente no desenvolvimento da própria educação, pois esta experimentou ao longo dos séculos transformações de toda sorte. O conceito de avaliação que era aplicado - com êxito -, por exemplo, na Idade Média, é perfeitamente passível de revisões e adaptações, uma vez que a dinâmica histórica reclama eficácia e mesmo uso social útil. Quando a avaliação adentra o espaço escolar, assumindo feições de avaliação da aprendizagem, o assunto recebe luz científica que influencia essa forma de avaliar, uma vez que o seu objeto e o seu método mudam consideravelmente. O modo de avaliar um profissional de alta performance ou de avaliar um tipo de vinho requer metodologias distintas, pois são categorias diferentes que estão em questão. Cada situação requer um tipo bem definido de avaliação. É o que ocorre no espaço escolar e veremos adiante.

Avaliação como ato de investigativo

O ato de avaliar a realidade da aprendizagem no espaço escolar deve, obrigatoriamente, ser um ato investigativo (LUCKESI, 2018, p.46), portanto, sugere bases científicas sólidas,

objeto, método e todos os critérios que dêem ao trabalho realizado uma musculatura e credibilidade científica, sob pena de os resultados finais e de aplicação da mesma seja um amontoado de conclusões de quem realizou a atividade. Afastar as impressões pessoais, o senso comum, o que não pode ser observável em determinado aspecto que está sob avaliação. A realidade e seus contornos, amparada pelos instrumentos da investigação descritos acima, são conferir ao trabalho um aspecto investigativo, científico e capaz de ser útil posteriormente.

Quando a avaliação da aprendizagem é construída sobre base científicas, já estando alforriada dos tradicionalismos impeditivos é um sinal eloquente de que superou um tipo de uma avaliação à serviço da seleção (PERRENOUD, 1999, p.11), que caracterizou a escola durante séculos. Avaliar para selecionar, certificar aprendizados de alguns é, atualmente e no espaço escolar, uma negação veemente do que se espera de uma avaliação isenta, objetiva. Não se pode avaliar para privilegiar partes, para garantir o avanço de alguns e a retenção e exclusão de multidões. A superação da tarefa de avaliar à serviço da seleção deve necessariamente dar lugar a uma avaliação à serviço das aprendizagens (PERRENOUD, 1999, p.14), do sucesso de todos que participam das aprendizagens no âmbito escolar, inclusive o avaliador, que é também sujeito que usufruiu de uma avaliação inclusiva, positiva, que vê nas possibilidades do aprendente um estímulo a dar prosseguimento nessa tarefa social e cultural de avaliar para a melhoria, para o pleno desenvolvimento de pessoas e grupos, cujos reflexos serão sentidos nas relações interpessoais futuras, no modo como os que hoje ocupam bancos escolares atuarão com situações de avaliação sob sua responsabilidade.

2899

Avaliar em múltiplas dimensões

Como vimos anteriormente, a avaliação é uma prática em movimento, objetiva, à serviço, investigativa. No entanto, o que o espaço escolar tem revelado é uma certeza de que a avaliação deve ser realizada, que tem o seu papel pedagógico construído ao longo da trajetória social, da qual a escola é parte. Mesmo cultivando essa certeza de que a avaliação é necessária, há perguntas que se colocam, como sugere HOFFMANN(2011, p 19-20): “Como fazer a avaliação?”. É no mínimo curioso que se conceba e reconheça como relevante a necessidade da avaliação da aprendizagem mas que não se tenha e não se saiba como avaliar. Muito curioso! Ignorando que a avaliação é uma atividade investigativa, é comum que se reduza a avaliação ao que ela não representa, por exemplo das quatro operações que se aprende no Ensino Fundamental. De acordo com LIBÂNEO (1994,p. 195.), avaliar não é uma questão de atribuir

notas e cansativas avaliações objetivas, somar scores, dividir e dar um ponto pela participação em sala e nos trabalhos que foram entregues no dia marcado. Nada disso! Avaliar não é como uma prateleira, na qual se organiza pertences aqui e ali de interesse pessoal. Não significa juntar tudo e depois dividir e em seguida fazer uma subtração que, sendo abaixo da média, carrega a avaliação das tintas da caneta de cor vermelha.

Há dimensões da avaliação da aprendizagem que ainda são completamente estranhas aos professores, o que não deixa de ser absolutamente estranho e prejudicial ao seu fazer pedagógico. Conforme LIBÂNEO,

A avaliação é um termômetro dos esforços do professor. Ao analisar os resultados do rendimento escolar dos alunos, obtém informações sobre o desenvolvimento do seu próprio trabalho escolar (LIBÂNEO, 1994, p. 202).

Então, resta claro que a avaliação da aprendizagem não é algo extrínseco ao professor enquanto profissional, não se trata de uma questão que é visitada de vez em quando e apenas volta-se a ela em tempos de provas de promoção, pelo contrário, avaliar é falar de uma prática cotidiana, do trabalho realizado ao longo de 200 dias letivos, do tempo que levou a mediar o desenvolvimento da leitura e da escrita, das horas de planejamento, é deixar-se, como num espelho, ser refletido no olhar de alegria de crianças, de adolescentes e de seus familiares porque seus filhos e filhas seguem à próxima etapa com as habilidades esperadas, com a evolução da aquisição e uso de competências, articulando bem sua oralidade, escutando e respeitando turnos de fala, aceitando e cumprindo regras de convivência. Ao final e ao cabo o professor se reconhece na alegria estampada no rosto de muitos, vendo ali mesmo o fruto de uma avaliação que atingiu seu ponto mais alto, o sucesso do aluno. Concordamos com HOFFMANN (2009, p. 154), quando conclui, felizmente, que a avaliação deve ser feita visando o benefício do educando, o que supera em muito as práticas que acreditam ser a mesma um valor dissociado do público ao qual serve.

2900

A avaliação somativa: um fetiche

Dentre os vários tipos de avaliação da aprendizagem em voga consideramos aqui a somativa - cuja base é sempre uma nota - que surge como amplamente aplicada no espaço escolar, sendo aplicada sazonalmente, podendo ser direcionada a avaliar um aluno ou um grupo de alunos. Certamente, é a mais conhecida! A escola, via de regra, define o que será avaliado e o quanto vale aquilo que foi aprendido, retido pelo aluno. Quanto mais acertar, maior sua nota. É uma forma rápida de classificar os melhores de uma turma, de aplicar promoções. Uma operação

simples de adição e divisão será suficiente para definir quem aprendeu. Quem tirou a nota máxima sempre estará em evidência.

Contudo, de acordo (LUCKESI, 2014, p.84) há uma constatação que foge do espectro da avaliação da aprendizagem escolar que é uma certa autonomia das notas atribuídas, é como se elas circulassem livremente dentro do processo avaliativo, sendo aplicadas num momento definido, preferencialmente ao final, como uma poderosa chave aguardar uma decisão. O estudioso classificou as notas com o substantivo masculino “fetiche”, que possui vida própria, poderes fantásticos e plenamente sem nenhuma relação com o real. Na verdade, trata-se de uma “entidade” que vagueia dentro de um processo de nuances humanas, pedagógicas, políticas e sociais, com poderes que originariamente não possuiria, mas que outrem as atribui. É mais: essa prática fetichista gera distorções irreparáveis, pois ao ignorar que o progresso, as conquistas adquiridas ao longo de uma etapa, por exemplo, foram substituídas por uma nota.

As transformações sociais, os avanços da tecnologia, os fenômenos relacionados ao meio ambiente, tudo isso conduz as organizações sociais a lugares históricos nunca antes imagináveis, obrigando-a buscar novas formas de realizar a sua tarefa cultural, sua integração e interação político-econômica, os modos de gerir o público e o privado. Nada escapa ao turbilhão de uma cultura em movimento. Com a instituição escolar o impacto advindo das mudanças culturais não é diferente e, no que tange à sua forma de avaliar a aprendizagem, especificamente, houve transformações, que ainda estão em pleno curso.

2901

Uma das transformações em curso e diretamente ligada ao ato de avaliar as aprendizagens é a que ocorre na lenta e necessária travessia de uma avaliação baseada em notas, de caráter somativo, a uma avaliação que, segundo HOFFMANN deve ser:

(...) essencialmente problematizar, não com a intenção de resolver problemas, de chegar sempre a resultados, mas com a intenção de provocar o pensar, a curiosidade, a formulação e a reformulação de diferentes hipóteses por alunos diferentes (HOFFMANN, 2001 p. 135.).

Desse modo, a superação de formas de avaliação da aprendizagem escolar segue o firme caminho da transformação, da integração de elementos humanos, científicos, culturais ao seu modo de avaliar etapas percorridas a muito custo, mas que ao final são reduzidas a um conceito que em nada reflete a realidade do que foi avaliado e muito menos o que foi feito no aspecto da gestão para sanar o que não foi atingido no processo cotidiano das aprendizagens. Não basta avaliar como sendo o ponto final de uma atividade docente. Na verdade, avaliar uma

aprendizagem exige o passo seguinte que é o de gerir para dar uma completude a algo que é dinâmico e muito complexo.

Uma prática mais entrosada às questões contemporâneas como identidade de gênero, questões ambientais e mídias sociais não podem ser negligenciadas numa abordagem tão abrangente como o é a avaliação da aprendizagem. Uma nota nunca será capaz de esgotar e sequer será retrato de uma pessoa ao final de uma etapa cursada. Ao contrário é uma prática desidratada, anêmica e de pouco valor agregado, pois esqueceu pelo caminho, de modo proposital, as inúmeras contribuições a nível oral e escrito, argumentativo e hipotético que alunos e alunas os mais diversos geram cotidianamente no espaço escolar. A avaliação que atropela sujeitos e inverte papéis está fadada ao fracasso, a gerar ineficácia e prejudicar quem dela necessita para, por exemplo, concluir uma atividade, um curso específico que será degrau à sua vida profissional ou mesmo para se certificar em que nível do processo não foi bem a ponto de sua aprendizagem ser avaliada de modo não satisfatório. Não se trata de o docente realizar uma distribuição de notas ou de aprender a um quorum mínimo de aprovação exigido pela escola - não se trata disso - mas de o profissional redimensionar sua atuação sabendo que a ele cabe tarefas intransferíveis, em especial aquela de saber que ele é. ao mesmo tempo, avaliador e gestor.

Avaliador e gestor: personagens distintos

Na perspectiva de Luckesi (2018, p. 23) no processo de avaliação da aprendizagem escolar o docente cumpre os seguintes papéis, a saber, “avaliador e gestor”, cabendo ao mesmo que faça a distinção dos papéis e as atribuições concernentes a cada um. A conceitualização de “avaliador e gestor” não é objeto desta seção, mas apenas fazer algumas considerações que passam despercebidas pelo professor, devido aos múltiplos fatores presentes no espaço escolar, que chegam a sugar tempo útil para que essa reflexão seja feita.

A distinção citada acima é fundamental que seja feita pelo docente que é, ao mesmo tempo, avaliador e gestor, cada um com sua função dentro do processo avaliativo. Enquanto o avaliador relata o que foi observado numa determinada turma - que pode ser um grupo pequeno de crianças que não lê fluentemente ao final de um semestre letivo, por exemplo -, o gestor, ainda segundo o autor, vai tomar as providências no sentido de que o resultado apresentado pelo avaliador, seja um tema deficitário ou superavitário. Resta claro que ao docente de uma turma cabe inúmeras responsabilidades, sendo elas - muito relevantes -, avaliar e gerir um grupo de alunos e alunas que estão sob sua responsabilidade. Importa que o docente tome consciência e

se aproprie dessa condição visando um trabalho mais efetivo e que contribua na transformação da vida de muitos. São responsabilidades da alçada de uma só pessoa, mas com duas atribuições ditas acima, qual seja avaliar e gerir. Decidir o que vai ser feito para superar uma lacuna no aprendizado de um grupo de estudantes não está contemplada no ato de avaliar, uma vez que sua função é a de “revelar a qualidade de uma do que foi avaliado , conforme Luckesi (2018, p. 27)”.

Portanto, ainda segundo Luckesi (2018, p. 23) cada professor precisa assumir esse poder (avaliar e gerir) que lhe é conferido na sala de aula, mas um poder que é voltado ao serviço e ao sucesso do outro. Será que os tantos professores e professoras espalhados pelo Brasil chegam a concluir que são investidos desses atributos de avaliador e gestor, que podem ser uma mediação segura na formação de gerações?

Avaliação em sintonia com as necessidades

Ao adotar estratégias de avaliação que levem em conta o que foi atribuído e o que foi efetivamente aprendido pelo aluno o docente deveria, ao avaliar e gerir, levar em conta que diante dele há um sujeito que possui uma capacidade de interpretação e de compreensão de um texto, uma sentença ou um enunciado de uma questão; isso não significa que ele alcance exatamente aquilo que se espera dele, ao final das contas está em processo de formação e ampliação do conhecimento. Um professor de Literatura Brasileira, a priori, deveria possuir mais conhecimento denotativo e conotativo de algumas palavras e expressões que um aluno. Isso para dizer que pode ocorrer ocasiões em que o professor diz ou propõe uma atividade, explicando-a devidamente, detalhadamente mas o receptor daquela mensagem não compreendeu o que e como deveria ser realizada a tarefa. Deveria ter perguntado! Não é essa a questão!

2903

De acordo com HOFFMANN (2001, p. 145) a mediação docente enfrenta desafios que devem ser assumidos como próprios de quem envereda pelo caminho da educação e, particularmente, pela da docência que implica avaliar diariamente. Não é algo que deva espantar ou desanimar o fato de um aluno não absorver plenamente a mensagem para a realização de uma atividade. Talvez a ocasião seja a oportunidade de saber que explicações dadas a um grupo maior de pessoas nem sempre são igualmente compreendidas de modo unânime, contemplando a perspectiva inicial do professor. E o docente não pode menosprezar essa situação de mudança e de melhoria nas suas explicações, dicas, orientações.

Ultrapassar os próprios limites da atuação docente é, em alguns casos, parar e avaliar a si, o que faz diariamente e que é tido como normal e suficiente, as expressões, a altura da voz, o vocabulário, a finalidade de uma atividade que foi solicitada, os meios de levar a sua realização. Nada disso deve ser subestimado, sob pena de um estrago ser constatado - quase nunca assumida a autoria - ao final de um processo. Quando um aprendente é avaliado e essa avaliação é gerida de modo a ajudá-lo a alcançar o sucesso escolar, com certeza o que obteve foi fruto de sua busca diária e da mediação interessada de um docente que não se contenta em avaliar sua mediação, mas que tomou para si a tarefa de gerir aquilo que ele mesmo produziu. Entender que a mudança em direção à satisfação discente é algo indispensável já é prenúncio de transformação efetiva e que se coaduna com o que a dinâmica da cultura proporciona e cobra.

Essa mudança de postura por parte do docente, que reserva tempo mínimo para observar o que realmente ocupa o gosto de uma criança ou adolescente leva o aprendiz a explorar outros caminhos e direções até então inóspitos, mas cheios de particularidades relevantes. No dizer de HOFFMANN:

[...]O professor precisa ter mais tempo para observar o aluno em ação, para registrar, refletir, decidir-se por estratégias didáticas coerentes, planejar novas e diferentes atividades complementares que venham a contribuir para o avanço de diferentes alunos em diferentes direções (HOFFMANN , 2001, p. 153).

2904

Mudar a rota das aprendizagens para que a rota da avaliação e da gestão da realidade colhida pela abra caminho a novos tópicos relevantes ao ato de avaliar, que mais condizem com o tipo individual de cada estudante. A singularidade ocupa especial relevância nessas situações, pois o docente passa a enxergar não mais aquele amontoado de crianças ou adolescentes dentro de uma sala de aula típica da escola brasileira, mas consegue fazer uma distinção de jeitos, reações, inclinações que constituem a riqueza de uma sala de aula, com a qual trabalha para o seu sucesso.

Avaliação e auto-avaliação

Planejar é o fundamento de uma abordagem pedagógica bem sucedida, tendo em mente que a criança é o centro das aprendizagens e em seu nome tudo deve convergir para seu progresso escolar e pessoal. Não faria sentido se fosse de outro modo, portanto. Essas são premissas que devem estar muito presentes no fazer diário de um professor, em especial quando lida com situações em que a avaliação daquilo que outras pessoas produziu, seja a nível da oralidade, da escrita ou da interpretação de textos. Também a questão das relações interpessoais, no âmbito

do espaço escolar, são ocasiões de avaliação da aprendizagem. Não se aprende apenas sobre conteúdos de livros, mas aprende-se a conviver, a ser tolerante, criativo, responsável, crítico, e tudo isso ocorre nesse ambiente tão disputado que é o escolar.

O ato pedagógico de avaliar deveria avançar, também, em práticas de auto-avaliação por parte dos alunos, conforme HOFFMANN (2001). Não se avalia para contentamento da direção da escola e tampouco de quem realiza a tarefa de avaliar a aprendizagem escolar. Quando ao discente é proporcionada a oportunidade auto-avaliativa, que gera reflexão pessoal e dos procedimentos utilizados, das orientações recebidas sobre determinada tarefa a ele proposta e que posteriormente fora avaliada, a esse mesmo discente é devolvido o percurso feito e agora iluminado com as intervenções e sugestões de como melhor realizar o mesmo trabalho por caminhos que pareciam inacessíveis ou inexistentes, mas que a gestão do professor trouxe à tona. Ainda segundo HOFFMANN (2001, p. 172) , quem é reflexivo proporciona a reflexão, como meio eficaz de avançar em suas descobertas. Acompanha o discente em seu percursos formativo, escutá-lo e esperar que o mesmo realize seus empreendimentos escolares à luz do apoio, da parceria docente, da compreensão e acolhida é penhor que está na base acadêmica séria e proveitosa.

Quando ao aluno é apresentado o itinerário que ele consiga palmilhar, mesmo ignorando 2905
as surpresas do caminho, ele seguirá pois confia nas dicas recebidas de quem já fez o mesmo caminho, tempos atrás, e que obteve êxito. Não adianta dificultar, através da avaliação escolar, os ideais que toda criança e todo jovem cultiva. De um modo ou de outro, nessa ou naquela escola, esse ideal florescerá.

CONCLUSÃO

O espaço escolar é dos poucos ambientes em que é possível reunir pessoas de todos os matizes, desde crianças e adolescentes em idade escolar, adultos já formados, homens e mulheres de escolaridade média e mesmo analfabetos. Uma profusão de atividades se desenvolvem nesse espaço, diariamente, durante 200 dias letivos, aproximadamente. Não cabe aqui um olhar romantizado sobre as vicissitudes que ocorrem, numa mistura de esperança, alegria, decepções, coragem e esperança. Um amálgama!

Este trabalho navegou em praias rasas da avaliação da aprendizagem escolar, cujos teóricos e suas teorias, as conceitualizações e as situações de avaliação foram contemplados apenas em seu limiar. Há muito o que se ler e relacionar, mas o que foi aqui apresentado foi

suficiente - apesar de mínimo - para deixar claro que o tema da avaliação da aprendizagem, em suas mais variadas expressões, permanece aguçando o seio escolar, acadêmico. No terreno da discussão sobre avaliar rendimento, promover depois de avaliar, distinção entre avaliar e gerir, ainda há muito por conversar, observar, consertar, esquecer, relevar e acolher. Tudo isso deixa aceso o lume do farol que leva a um porto seguro o suficiente para ser mediador e acolhedor das infindáveis concepções acerca de um tema tão importante e tão apaixonante. A matéria-prima é abundante e de qualidade indiscutível. A escola e seus atores não param em sua tarefa de produzir desafios novos, suscitar discussões e parcialmente aberta ao novo.

Concluindo, acredita-se firmemente que o trabalho atingiu plenamente seus objetivos, está aberto à discussão e pode contribuir e ser complementar às outras abordagens que existem sobre o tema, que é amplo e possui uma capacidade de renovação o que gera novas pesquisas, novas experimentações e conceitualizações e novos escritos que venham ajudar no seu enriquecimento. A discussão deve permanecer, pois significa a latência e a pujança que caracteriza o tema da avaliação da aprendizagem, ao que parece, ignora o acaso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática construção da pré-escola à universidade.** 2906
Porto Alegre: Mediação, 31ª ed., 2011.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 3ª ed.,
2001

LIBÂNEO, J.C. **Didática.** Cortez Editora: São Paulo, Coleção Magistério 2º grau. Formando
Professores, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Sobre notas escolares: distorções e possibilidades.** São Paulo:
Cortez, 1ª. ed., 2014

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas.** São
Paulo: Cortez, 2018.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas.**
Porto Alegre: Artmed, 1999.